

# OS ESTADOS UNIDOS E A INFLUÊNCIA ESTRANGEIRA NA ECONOMIA BRASILEIRA: UM PERÍODO DE TRANSIÇÃO (1904-1928) (II).

(Continuação).

VICTOR VALLA

Do Instituto de Tecnologia de Aeronáutica de São José dos Campos (SP).

## CAPÍTULO III.

### À ÉPOCA DA GUERRA (1914-1920).

A Primeira Guerra Mundial iria criar mudanças profundas nas relações entre o Brasil e os quatro países que exerciam papel importante no seu comércio. As importações da Grã-Bretanha, Alemanha e França seriam grandemente reduzidas, sendo que a guerra obrigaria estas nações a concentrar seus esforços na produção bélica (1).

Seria de supor, então, que os Estados Unidos teriam mão livre para aumentar suas exportações para o Brasil e, ao mesmo tempo, substituir a influência da Grã-Bretanha no Brasil. Num prazo de tempo relativamente longo, isso aconteceria, embora os esforços americanos fôssem também dirigidos para a produção bélica durante os anos da guerra. Inclusive, uma das explicações de porque os Estados Unidos foram capazes de se tornar uma potência mundial, como resultado da Primeira Guerra Mundial, está no fato de que, por mais de três

---

(1). — O custo direto da Primeira Guerra Mundial para os três países europeus em questão, foi o seguinte:

	Milhões de dólares	Porcentagem do custo total
Grã-Bretanha	35.334	19,0
França	24.266	13,0
Alemanha	37.775	20,3

Gonçalves (Antônio Sebastião), *Quanto Custa a Guerra*, Biblioteca Cosmos, Nº 84, 7a. edição, N.º 10. Problemas de Nosso Tempo. Lisboa, 1945, p. 15-16. Gonçalves dá como sua fonte *Economia de Guerra* de João Pinto da Costa Leite; nenhum outro dado bibliográfico é fornecido.

anos de guerra, empréstimos e produção americana foram dirigidos, principalmente, às nações beligerantes da Europa.

*"In 1903... European war debts to the United States amounted to a sum of \$ 11,000,000,000, of which 70% was incurred during... the war" (2).*

Embora numa escala menor, o Brasil, também, iria efetuar um certo desenvolvimento como resultado da guerra. Desprovido de numerosas importações que, por muitos anos, tinham sido importantes, os brasileiros foram obrigados a começar a criar condições para a produção de muitos ítems que previamente tinham sido importados.

*"A Grande Guerra de 1914-1918 dará grande impulso à indústria brasileira. Não somente a importação dos países beligerantes, que eram nossos habituais fornecedores de manufaturas, declina e mesmo se interrompe em muitos casos, mas a forte queda do câmbio reduz também consideravelmente a concorrência estrangeira. No primeiro grande censo posterior à guerra, realizado em 1920, os estabelecimentos industriais arolados somarão 13.336, com... 1.815.156 contos de capital e 274.512 operários. Dêstes estabelecimentos, 5.936 tinham sido fundados no quinquênio 1915-1919, o que revela claramente a influência da guerra" (3).*

Hélio Schlittler Silva, numa referência direta à ruptura das relações entre a Europa e o Brasil trata da subida de preços de importações quando êle declara que

*"... during the First World War the rise becomes sharper reflecting particularly scarcity of the import products demanded by Brazil and increased freight rates..." (4).*

Embora ambos, os Estados Unidos e o Brasil, fôsem lucrar com a guerra, (os dois países entraram na guerra só no ano de 1917), é importante salientar que os Estados Unidos já eram uma nação industrial crescente antes de 1914, enquanto que o ímpeto industrial do

---

(2). — Landman (J. Henry), Wender (Herbert), *World Since 1914*, Barnes & Noble, Inc., New York, 1961, p. 82. Antônio Sebsatão Gonçalves declara que os Estados Unidos fizeram empréstimos, durante a guerra, de US\$ 9.452.000.000. Dêste total, a Grã-Bretanha recebeu US\$ 4.316.000.000, e a França, US\$ ..... 2.852.000.000. *Op. cit.*, p. 24.

(3). — Prado (Caio Júnior), *op. cit.*, p. 267.

(4). — "Índices de Preços no Comércio Exterior do Brasil", de Hélio Schlittler Silva, *Revista Brasileira de Economia*, Ano 6, Nº 2, junho de 1952, Rio de Janeiro, p. 100.

Brasil realmente se iniciou como um resultado da primeira grande conflagração. Neste sentido, os Estados Unidos contaram com uma vantagem, pois a eclosão da guerra, mesmo reduzindo o número de importações do setor europeu, realmente não afetou a economia americana. A fraca infra-estrutura brasileira de antes da guerra, limitaria seriamente as possibilidades de qualquer tipo de surto industrial que pudesse deixar a economia brasileira independente.

O que pode ser observado é que, no setor de importações, o Brasil era extremamente dependente dos quatro países já mencionados, antes da guerra. Inclusive, é possível observar-se mais de perto este aspecto, quando sabemos que a produção de manufaturas brasileiras, durante a guerra, apresentou um surto muito grande, embora o aumento não estivesse nas áreas da indústria pesada (5). Hanibal Pôrto apresenta uma visão global da situação do Brasil neste período:

*"War gave a new tempo to the process of industrialization; it assured young enterprises of a monopoly in the domestic market and brought with it the possibility of entering the foreign markets; it forced the national development since the imports were curtailed.*

*... "In 1914 Brazil imported almost all the industrial products that she consumed. It was due to the difficulties encountered during the war in the importation of manufactured articles, that the Brazilians decided to exploit a great number of industries, the result of which was that Brazil started to produce many articles of prime necessity. The state of São Paulo and the capital of the republic became, as a result of the war, great centers of industrial production.*

*'At the same time the agricultural and pastoral products increased in extraordinary fashion, and Brazil, as is generally known, became one of the foremost supply centers for Europe" (6).*

Nícia Vilela Luz confirma a declaração de Pôrto, quando trata das dificuldades, de antes da guerra, encontradas pelas indústrias brasileiras devido à forte concorrência estrangeira:

---

(5). — A séria falta de uma infra-estrutura industrial já existente impediu que o Brasil efetuasse um desenvolvimento industrial que permitisse independência econômica. Equipamento pesado, necessário para conseguir tal desenvolvimento, não estava sendo produzido em grandes quantidades antes da guerra, e a importação deste equipamento era impossível devido à produção de guerra nos países industrializados.

(6). — Normano (J. F.), *Brazil, a Study of Economic Types*, op. cit., p. 103-104. Normano baseia sua descrição das idéias de Pôrto na seguinte fonte: *O Brasil Econômico em 1920-1921*, Typographia do Annuario do Brasil, Rio de Janeiro, 1922, p. 41.

“Sob o impacto da guerra de 1914, firmaram-se novamente as fábricas existentes, enquanto outras surgiram para fazer face à procura de artigos cuja importação fôra interrompida” (7).

Hélio Schlittler Silva e Cáo Prado Júnior mencionam a produção de carne como uma das modificações principais dentro da indústria brasileira, embora, como será mostrado mais tarde, neste estudo, a participação estrangeira, em particular a americana, fôsse dominante neste setor (8).

Silva menciona, também, banha, arroz e feijão como outros produtos que registraram crescimentos impressionantes na produção, tanto quanto na exportação para os países beligerantes na Europa (9).

Richard Graham confirma e esclarece fatos já apresentados a respeito da indústria brasileira e suas relações com a Primeira Guerra Mundial. Em particular, Graham ajuda a entender melhor a expressão de Nícia Villela Luz de “novamente firmarem-se fábricas existentes” como resultado do declínio das importações da Europa.

*“the year 1914 is often pointed to as the date of its (Brazilian industrialization) initiation because the artificial impetus provided by war-time shortages greatly accelerated the process. But the effect of the war would have been radically different if major changes had not already occurred. Brazil would have profited little if capital, equipment, attitudes, and values had not been prepared and ready”* (10).

No seu livro, *Mauá e Roberto Simonsen*, Heitor Ferreira Lima cita algumas das indústrias que já existiam antes da guerra e que receberam uma nova vida com a redução das importações: indústrias de algodão, sapatos, artigos de couro, chapéus, fósforos, cerveja, macarrão, tijolos, louça e doces (11).

O Ministério da Fazenda apresentou cifras que ajudam a confirmar o fato, de que, embora o Brasil crescesse industrialmente, êste crescimento era mais devido à mudança produzida pela guerra. Os seguintes resultados vêm de um estudo das porcentagens de bens manufaturados que o Brasil exportava durante os anos da guerra: 1913

---

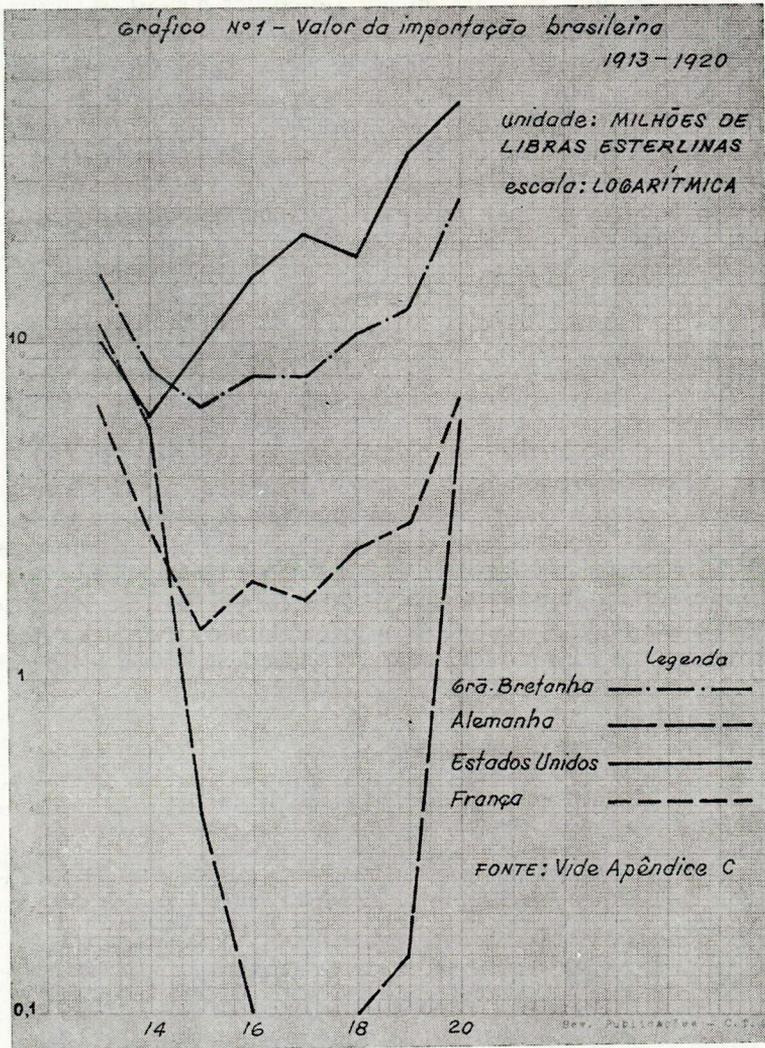
(7). — Luz (Nícia Villela), *A Luta Pela Industrialização do Brasil*, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1961, p. 145.

(8). — Silva, *op. cit.*, p. 77; Prado (Cáo Júnior), *op. cit.*, p. 267.

(9). — *Ibidem*, p. 77.

(10). — Graham, *op. cit.*, p. 299. Os parênteses são do autor da tese.

(11). — Lima (Heitor Ferreira), *Mauá e Roberto Simonsen*, Editora Edaglit, São Paulo, 1963, p. 48.



— menos de 1%; 1915 — 3%; 1917 — 16%; 1918 — 29%; 1919 — 12% (12).

A exportação de produtos manufaturados, obviamente necessários aos países que participaram no esforço dos aliados, subiu consideravelmente na época da entrada do Brasil na guerra.

A maior parte das exportações de manufaturas foi composta de produtos alimentícios e têxteis, a primeira aumentando de 26,7% da produção total do Brasil, em 1907, para 40,2%, em 1920. A produção de têxteis aumentou de 20,6% do total da produção brasileira, para 27,6%, em 1920. Uma redução verificou-se nas áreas de roupas e artigos domésticos tanto quanto nos produtos químicos e seus derivados, no período mencionado (13).

\* \*  
\*

As relações comerciais do Brasil com os quatro países que mais influenciavam a sua economia, mudaram, profundamente, durante a Primeira Guerra Mundial. A participação da França e da Grã-Bretanha na conflagração reduziu, consideravelmente, a sua capacidade de exportar para a América do Sul, enquanto a Alemanha chegou a ponto de nada exportar para o Brasil em 1917 (14). Como consequência, a influência e o comércio dos Estados Unidos com o Brasil, embora o esforço dos americanos de abastecer muito (até 1916) aos aliados e aos Poderes Centrais com manufaturados e capital, atrasou, relativamente, o aumento de exportações americanas para o Brasil.

---

(12). — Smith (Marchant), *op. cit.*, p. 284.

(13). — *Ibidem*, p. 249-250.

(14). — “Este ministerio (da Fazenda) baixou as instruções seguintes sobre o serviço de fiscalização da importação e exportação em consequencia do estado de guerra:

‘Recommendo aos Srs. chefes da repartição subordinadas a este ministerio que, para fiel execução das letras E e H do Art. 3º da lei Nº 3.393, de 16 de novembro de 1917, o decreto Nº 12.740, de 7 de dezembro de 1917, sejam observadas as seguintes instruções:

I — Ficam, desta data em diante, expressamente prohibidas todas as relações commerciaes decorrentes da importação e exportação de mercadorias, de qualquer origem ou procedencia, entre os subditos inimigos do paiz, residentes no estrangeiro’”.

Ministério da Fazenda, *Relatório Apresentado ao Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil*, pelo Dr. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, Ministro de Estado de Negócios da Fazenda, No anno de 1918, 30º da Republica, Vol. I, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1919, p. 73-74.

Vide gráfico Nº 1. As estatísticas das importações brasileiras, para os anos de 1913-1920, dos quatro países em questão, podem ser encontrados no Apêndice C.

Com certeza, o país mais afetado pela guerra foi a Grã-Bretanha, pois os ingleses foram os estrangeiros que tinham exercido predominante influência no Brasil desde meados do século dezoito. Richard Graham explica que a diminuição da influência inglesa já estava acontecendo quando a guerra eclodiu, fato já referido neste estudo.

*“... the outbreak of the First World War marked the end of that kind of British control, (import-export). Conditions that had been changing were now accelerated. The international economy which, since 1850, had formed the context of Anglo-Brazilian economic relationships was drastically altered by the conflict. Not only did the war itself interrupt the working of the previously existing system, but its effects were to radically modify the post-war world. Gone was the free flow of capital, goods, and people which had been characteristic of the pre-1914 period. Instead, there were immigration laws, tariff regulations, and shaky currency structures. So 1914 is a decisive cut-off point when viewed from the British side” (15).*

Graham se refere a um período de “antes de 1914” que representava a era da influência inglesa no Brasil, bens manufaturados e capital sendo movimentados da Grã-Bretanha para os portos brasileiros (16). Foi exatamente na área de exportação-importação que a influência foi mais afetada no período de 1914 a 1918. Não só as exportações inglesas para o Brasil foram seriamente abaladas, mas, também o forte controle exercido pela Grã-Bretanha nas próprias casas brasileiras de exportação-importação (17).

A grande rede de transportes inglesa e alemã, responsável pela entrega dos produtos brasileiros, foi praticamente eliminada durante a guerra. Ajudando a enfraquecer ainda mais a Grã-Bretanha neste setor tivemos o bloqueio alemão,

---

(15). — Graham, *op. cit.*, p. 316.

(16). — *“The First World War marked the end of British predominance in Brazil. Even in the years before 1914, the importance of Great Britain was beginning to pale in relation to the total Brazilian scene, first, and most importantly, because of the development of Brazil itself, and, secondly, because of the increasing competition offered by other nations. The monopoly of foreign economic power once held by the British was eroding away and the war speeded the process to its conclusion”*. *Ibidem*, p. 298.

(17). — *“It is often remarked that in the War, especially, in Latin America, a great number of foreign enterprises changed their nationality. To the case of North America especially can it be applied that its capital investments were very high in Latin America before the War, but after it they were even higher than one is able to conclude from estimates”*. Dr. Jens Jessen, *“die oekonomische Grundlage der panamerikanischen Idee”*. *“Schmoller's Jahrbuch für Gesetzgebung, Verwaltung und Volkswirtschaft, 52 Jahr, Heft 5”*, p. 103-873, *ap.*, Normano, *The Struggle For South America, op. cit.*, p. 248.

*“and war-time transport needs seriously cut into the capacity of both European nations” (18).*

Em 1913 a Grã-Bretanha registrou um comércio de 9,9 milhões de toneladas nos portos brasileiros, enquanto nas estatísticas relativas a 1917 caíram para 2,2 milhões de toneladas (19).

Um artificial surto industrial aconteceu no Brasil, mas a herança deixada pelo controle econômico dos portugueses, holandeses e ingleses, deu como resultante um Brasil que exportava alguns poucos produtos agrícolas, importava muitos bens industrializados e cujo transporte estava em mãos dos estrangeiros.

*“The dangers of having so much of the country's shipping in the hands of another became apparent during the First World War when, long before Brazil became a belligerent, its shipping connexions with the outside world were drastically curtailed” (20).*

Esta dependência, que se revela mais claramente numa época de crise, se estende além do exemplo do transporte mencionado acima. Os próprios produtos de monocultura, quando não são de natureza vital, perdem sua demanda num tempo de crise, como Silva demonstra no seu artigo “Índices de Preços no Comércio Exterior do Brasil”.

*“Nos anos de 1917-20, assinalados por grandes variações na procura mundial, ocasionadas pela Guerra de 1914-1918, verificou-se nova queda na participação de café...” (21).*

O primeiro conflito mundial, envolvendo todos os países que comerciavam com o Brasil, criou para as autoridades brasileiras, uma situação que elas tinham tentado evitar, por muitos anos: a de tornar o país dependente de uma outra nação, além da Grã-Bretanha. A guerra, porém, rompeu o comércio com os Aliados e com os Poderes Centrais da Europa e, praticamente, a única nação que ficou livre para comerciar em grande escala com o Brasil, foi os Estados Unidos. J. F. Normano substancia esta observação e vai além, declarando que os próprios Estados Unidos chegaram a limitar, também, em algumas áreas, o seu comércio com Brasil.

*“On the outbreak of the war Brazil lost the trade of the Central Powers, which amounted to 4,000,000 sacks of coffee (of 132 pounds*

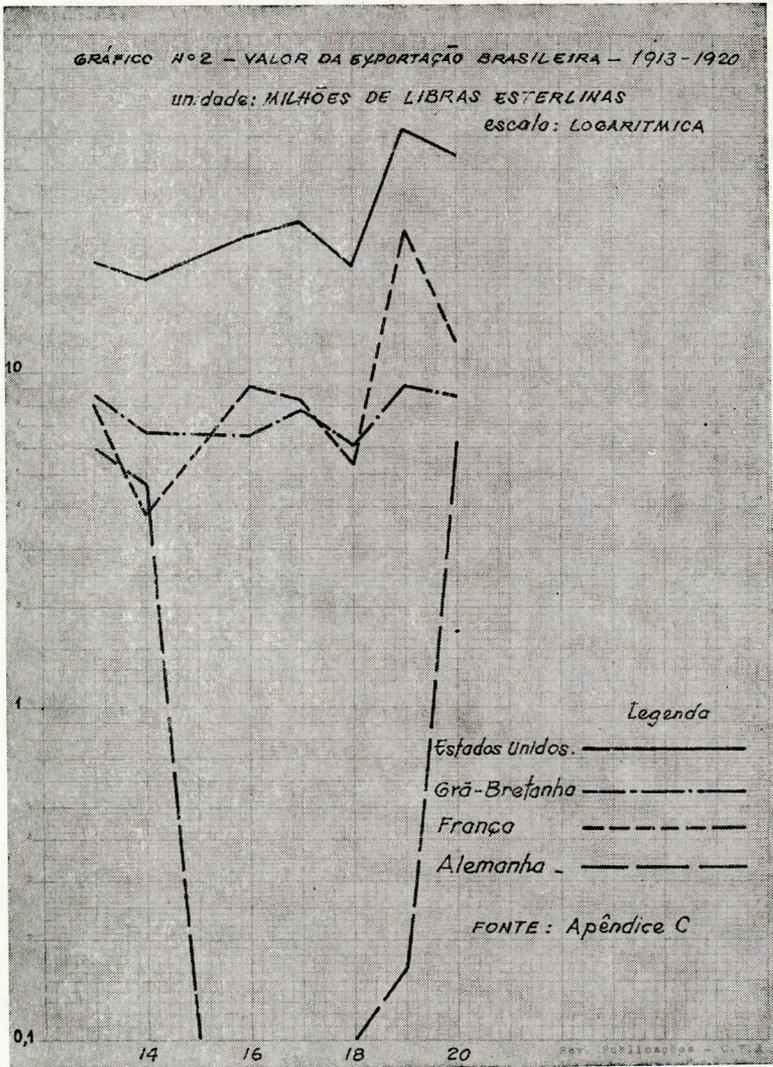
---

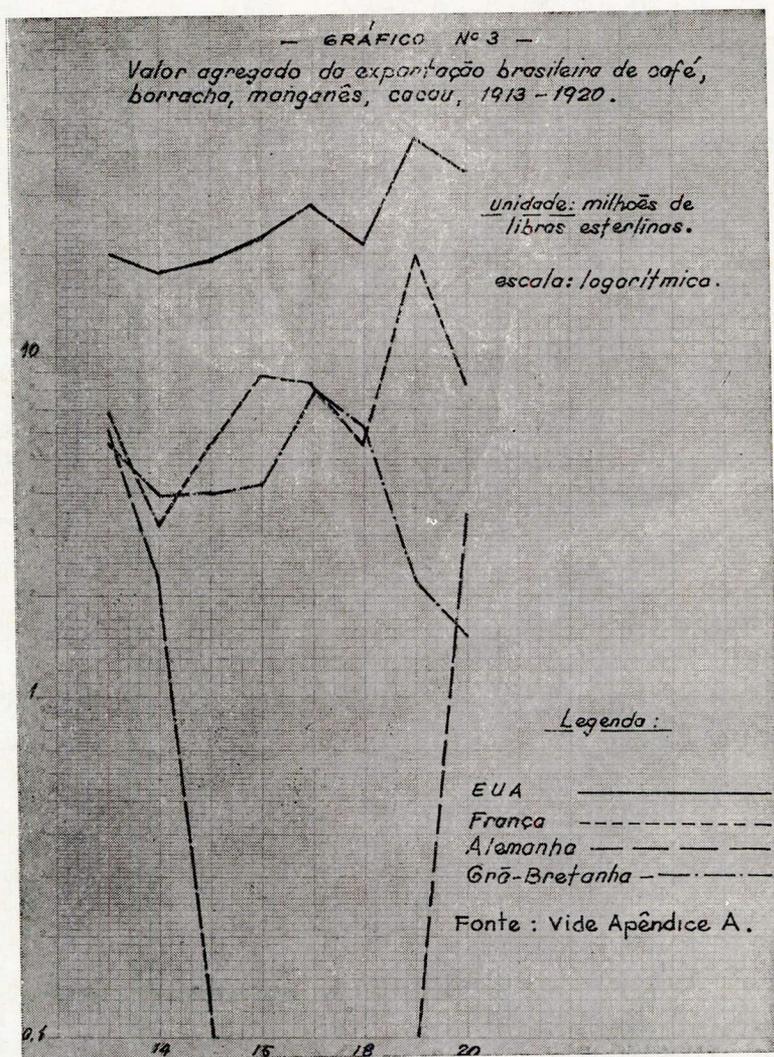
(18). — Graham, *op. cit.*, p. 316.

(19). — *Ibidem*, p. 316.

(20). — *Ibidem*, p. 91.

(21). — Silva, *op. cit.*, p. 77.





each) annually. The allies restricted their imports of coffee; in 1917 the United States followed suit. Rubber shared a similar fate. Cut off from the Central Powers, its imports restricted by the allies, it depended upon a single large purchaser, the United States. At the entrance of the United States into the war, rubber was placed on the restricted import list, greatly curtailing Brazil's rubber exports" (22).

Durante o período de 1915-1920, o Brasil exportava a maior parte de seus produtos para os Estados Unidos, seguidos da França e da Grã-Bretanha. Com respeito à exportação total, bem como aos quatro produtos estudados (café, borracha, cacau e manganês), a seqüência de países mencionada acima permaneceu a mesma como demonstram os gráficos N<sup>os</sup> 2 e 3. Carnes congeladas e preservadas, peles e couros e algodão cru constavam das exportações destacadas que o Brasil fornecia para a guerra (23).

A I Grande Guerra preparou, então, o caminho para os Estados Unidos aumentarem suas exportações de produtos manufaturados para o Brasil:

*"It was only during the Great War of 1914-18 that the United States came into the list of new importers"* (24).

Embora as exportações americanas para o Brasil fôsem limitadas pelo seu esforço em suprir as nações européias beligerantes, com os produtos necessários, ainda assim, as exportações americanas para o Brasil superaram, em valores, os recordes prévios das relações co-

---

(22). — Normano (J. F.), *Brazil, a Study of Economic Types, op. cit.*, p. 104.

(23). — Exportações brasileiras, para o período de 1915-1920, foram divididas em três classes da seguinte maneira:

(porcentagens)	1915	1916	1917	1918	1919	1920
Classe I — Produtos animais	9,0	13,5	18,7	20,2	15,5	13,6
Classe II — Produtos minerais	3,0	3,8	6,2	4,8	1,3	2,7
Classe III — Produtos vegetais	88,0	82,7	75,1	75,0	83,2	83,7

Outras exportações importantes incluíram os seguintes produtos: Classe I, banha; Classe III, arroz, açúcar, cêra de carnauba, feijão, farinha de mandioca, castanhas brasileiras, fôlha de tabaco.

Nos anos de 1917 e 1918 a França recebeu, em quantidades importantes, os seguintes produtos: banha, carnes refrigeradas, couros, arroz, feijão, farinha de mandioca e fôlha de tabaco. A Grã-Bretanha, durante os mesmos anos, recebeu, em quantidades especialmente grandes os seguintes produtos: banha, carnes preservadas, couros, ouro nativo, algodão, açúcar e feijão.

Directoria de Estatística Commercial, Ministério da Fazenda, *Commercio Exterior do Brasil (resumo por mercadorias) Movimento Marítimo, Janeiro a Dezembro, 1915, 1916, 1917, 1918, 1919, 1920, 1921, 1922*, Monotypado nas officinas da Estatística Commercial, Rio de Janeiro, 1920 e 1923; para os anos de 1915-1917, p. 132-141; para os anos de 1918-1920, p. 146-159.

(24). — Normano, *The Struggle for South America, op. cit.*, p. 46.

merciais americano-brasileiras. Comparando as grandes diferenças entre os valores das exportações inglesas e americanas para o Brasil, antes da guerra, é surpreendente notar com que rapidez a situação se modificou depois de 1914.

*"In 1913 Brazil had imported £ 16,4 millions [worth] of merchandise from England; two years later this amount had fallen £ 6,6 million. Although then recovering somewhat, by 1918 it was still only £ 10.3 millions while imports from the United States amounted to £ 19 million" (25).*

Durante o período em questão, a maior parte das importações brasileiras veio dos Estados Unidos, com os seus produtos dominando tôdas as três classes de importações. Um produto importante da Classe A era o carvão da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos. Artigos de algodão da Grã-Bretanha, gasolina e querosene dos Estados Unidos eram os produtos importantes da Classe B, enquanto a farinha de trigo americana predominava em quase tôda a Classe C (26).

Durante a guerra, as Classes A e C tendiam a registrar porcentagens mais altas do que normalmente, diminuindo um pouco entre 1918 e 1920. Entretanto, os produtos da Classe B, geralmente representando mais da metade das importações brasileiras, caíram para 35% durante o conflito mundial, superando os 50% somente depois de 1918 (27).

\* \*  
\*

Deve ser reconhecido que o govêrno americano, naturalmente, visava com muito interêsse a oportunidade apresentada pelo conflito na Europa. Na Primeira Conferência Financeira Pan-Americana, em 1915, J. J. Arnold, de Chicago, representante dos Estados Unidos,

(25). — Graham, *op. cit.*, p. 317.

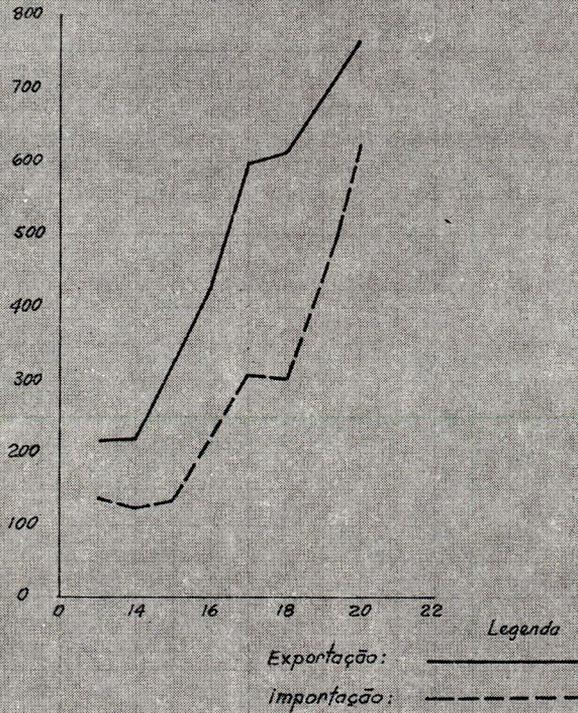
(26). — Outras importações importantes da Classe A incluíram juta crua, cimento, peles e couros; Classe B: veiculos, arame, farpado, fôlhas de flanders, papel de imprensa, e soda cáustica; Classe C: vinho e bacalhau. *Commercio Exterior do Brasil*, dos anos de 1915 a 1922, *op. cit.*; para os anos de 1915 a 1919, p. 88-95; para o ano de 1920, p. 96-105.

(27). — Para os anos de 1915 a 1920, as importações brasileiras foram divididas nas seguintes porcentagens:

	1915	1916	1917	1918	1919	1920
Classe A	26,4	29,6	30,2	26,3	25,4	24,0
Classe B	35,9	42,4	46,3	44,7	49,5	54,7
Classe C	37,6	27,7	23,3	28,4	24,3	20,4.

*Ibidem*, para os anos de 1915-1917, p. 85; para os anos de 1918-1920, vide *Commercio Exterior do Brasil*, 1918 a 1922, p. 4.

Gráfico Nº 4 - Comércio dos Estados Unidos  
com a América do Sul  
1913 - 1920  
unidade: MILHÕES DE DOLARES



Fonte: Vide apêndice D

apresentou o ponto de vista americano sôbre o comércio com os países da América Latina:

*“Trade between two countries must be based upon an exchange of commodities in as far as it is possible. The United States of America is rapidly becoming an urban instead of a rural country. This is why we are now seeking, perhaps as never before a market for our manufactured articles. In your countries the reverse is still true, and on this account your natural products will necessarily be wanted in our land in increasing quantities”* (28).

Embora as porcentagens de crescimento do comércio entre os Estados Unidos e o Brasil não aumentassem tanto quanto as do comércio da nação norte-americana com a América do Sul como um todo, as estatísticas mostram que o comércio total entre os dois países subiu 75% em cinco anos e o valor total foi aumentado de US\$ 162.794.000 para US\$ 384.328.000 entre 1913 e 1920 (29).

Tabela Nº 1.

Mudanças principais na direção do comércio brasileiro: Primeira Guerra Mundial (30).

	Importações		Exportações	
	1913	1917	1913	1917
			(porcentagens)	
Estados Unidos	15,7	47,1	32,6	46,1
Grã-Bretanha	24,5	18,0	13,3	12,6
Alemanha	17,5	0	14,1	0
França	9,8	4,0	12,3	14,0

(28). — Normano, *The Struggle for South America, op. cit.*, p. 248. A passagem foi tirada de *“Proceedings of the First Pan American Financial Conference”*, publicada sob a direção do Secretário do Tesouro, 1915, p. 226-227.

*“All the countries of Latin America had to pass in review before the conference and display their strength — their financial balances. The representatives of the United States at the conference understood well enough the purpose of their mission. Disregarding the official declarations of brotherhood and their customary enthusiasm, the committee proceeded to award ratings to the credit-seekers according to their financial strength. The aim of the conference was selfish, and no efforts were made to conceal it. In the words of a member of the conference: ‘What is the principal object of this conference? The commercial expansion of the United States in Latin America, taking advantage of the situation created by the European War. All the rest is subsidiary’”. “Proceedings of the First Pan American Financial Conference”. *ibidem*, p. 207-208, ap., Normano, *ibidem*, p. 53.*

Vide Apêndice D para os dados completos do gráfico Nº 4.

(29). — Normano, *ibidem*, p. 25. As cifras foram extraídas da Tabela 4, *“Trade of the United States with Individual South American Republics”*. *Foreign Commerce and Navigation of the United States*, porcentagens compiladas, *op. cit.*

(30). — Smith; Marchant, *op. cit.*, p. 268. As cifras na tabela são derivadas das seguintes fontes: Redfield, Arthur H., *Brazil, a Study of Economic Conditions Since 1913*, Bureau of Foreign and Domestic Commerce, Miscellaneous Series, Nº

Um confronto do comércio brasileiro com o dos Estados Unidos e os dos outros três países de maior influência mostra, claramente, até que ponto os Estados Unidos conseguiram a liderança no comércio durante a guerra. Embora o aumento de exportações brasileiras para os Estados Unidos fôsse considerável (mais de 41%), as importações brasileiras do mesmo país subiram exatamente 200% nos mesmos anos.

A vantagem óbvia dos Estados Unidos sôbre a Grã-Bretanha, França e a Alemanha, como já foi explicado, foi consequência da necessidade destes países produzirem em função da guerra. Condições criadas pela própria guerra, como o bloqueio alemão, também diminuíram os contactos comerciais dos países europeus com o Brasil. O gráfico nº 1 demonstra que o período imediatamente após a guerra, 1918 a 1920, também representava uma oportunidade de expansão para os Estados Unidos. A reconstrução da Grã-Bretanha e da França e a reorganização levada a efeito na Alemanha, limitaram as exportações destes países para o Brasil, embora a tendência fôsse de recuperar o terreno perdido durante a guerra.

Os Estados Unidos,

*“no longer a debtor nation as she had been before the First World War”* (31),

tinham se expandido industrialmente de uma maneira espetacular, devido à sua produção de guerra, mas também devido à sua tardia participação efetiva no conflito (32).

O ponto alto das exportações para o Brasil foi atingido, em 1920, e, o término da guerra permitiu maior interêsse da parte dos Estados Unidos com respeito ao Brasil.

---

86, Washington, Government Printing Office, 1920, p. 86, 93; League of Nations, *Balance of Payments and Foreign Trade Balances, 1910-1924, op. cit.*, Volume I, p. 108-109, e Volume II, p. 492-493.

(31). — Landman; Wender, *op. cit.*, p. 82.

(32). — A participação direta dos Estados Unidos atingiu a soma de US\$ 22.625.000.000, sendo a porcentagem do custo total da guerra 12,1%. Gonçalves, *op. cit.*, p. 15.

Tabela Nº 2.

Companhias estrangeiras autorizadas a operar no Brasil, 1891-1920 (33).

	1891-1905	1904-1914	1915-1920
Grã-Bretanha	80	139	44
Estados Unidos	11	84	59
Alemanha	21	41	5
França	25	50	11
Total	137	314	119

Um outro setor em que a influência americana teve oportunidade de se expandir devido à guerra, foi no das instalações de companhias no Brasil. Pela primeira vez, as companhias americanas foram estabelecidas em maior número que as da Grã-Bretanha, figurando a nação norte-americana com o início de atividades de 59 companhias, no período de 1915-1920, contra 44 da nação inglesa. França e Alemanha, quase não aumentaram seus interesses nestes setores, tendo o capital francês formado apenas 11 companhias, enquanto as companhias alemãs somaram apenas 5 durante o período acima considerado (34).

O efeito da guerra na instalação de companhias estrangeiras no Brasil foi evidente, sendo que a maior parte das oriundas dos quatro países foram autorizadas durante os anos de 1919-1920 (35).

\* \*  
\*

O comércio dos três países europeus com o Brasil apresentou tendências semelhantes em 1920, aumentando as exportações desses países e diminuindo a quantidade de produtos brasileiros importados por eles. Em geral, um desejo de voltar à situação comercial de antes da guerra, representou as relações entre o Brasil e estes países. Mas a participação americana na economia brasileira mudou, substancialmente, as condições, não sendo possível o retorno àquelas de antes da conflagração.

(33). — *Sociedades Mercantis Autorizadas a funcionar no Brasil, 1808-1946, op. cit.*

(34). — Durante o período de 1915-1920, as companhias nacionais superaram, em número, as companhias estrangeiras no Brasil, sendo que as nacionais somaram 173, e as estrangeiras 119.

(35). — Durante os anos de 1919-1920, 61 companhias nacionais foram estabelecidas enquanto que os quatro países industrializados receberam autorização para implantar 62 companhias, sendo 29 para os americanos, 26 para os ingleses, 6 para os franceses e 2 para os alemães.

A guerra tinha dado a oportunidade aos Estados Unidos de superar seus competidores no comércio com o Brasil até 1920. A participação americana na vida econômica brasileira iria funcionar de uma maneira muito mais efetiva do que antes da guerra, embora o papel dos Estados Unidos, como fator dominante na economia brasileira, não fôsse ainda totalmente estabelecido.

*(Continua)*.